

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 reis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIEVS N. 7

Foi com o mais profundo pezar que recebemos a tristissima noticia do fallecimento da Exma. Sra. D. Celestina Lombaerts, esposa do Sr. Henrique Lombaerts, co-proprietario e editor do «Album».

Conheciamos o inestimavel thesouro que o nosso honrado e querido amigo acaba de perder, e avaliamos a intensidade do seu desgosto pelas virtudes da morta, — portanto, não podem ser mais sentidos nem mais sinceros os pezames que lhe enviamos nestas pallidas linhas, escriptas ainda sob a impressão de tão doloroso acontecimento.

14-8-93.

A. A.

SUMMARIO

ANTONIO JANNUZZI	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
POEMA DA CARNE.	Cunha Mendes.
ALMA VELHA	Raul Braga.
O AFRICANO.	Mario Alencar.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO	Alfredo Bastos.
Á NOITE.	Julio Cesar da Silva.
MOONLIGHT, IN THE CHANNEL.	Virgilio Varzea.
THEATROS.	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

FONTOURA XAVIER

ANTONIO JANNUZZI

Este habillissimo constructor é filho da formosa Italia. Nasceu na Calabria em 1854.

Aos dezeseis annos immigrou para Montividéo, de onde veio para esta capital em 1874, contando apenas vinte primaveras.

A primeira construcção importante de que aqui se encarregou foi a do Plano Inclinado de Santa Thereza.

D'ahi em diante não teve mãos a medir. Tornou-se o terror dos « mestres de obra » e melhorou, digamol-o em honra sua, o systema de construcções do Rio de Janeiro, dando novas fórmas estheticas e uma elegancia sobria e desprerenciosa ás edificações que lhe foram confiadas.

Entre estas, que são innumeradas, citemos o elevador de Paula Mattos, o Moinho Fluminense, os Bancos do Commercio, Italia-Brasil e Nova Era Rural do Brasil, a Egreja Evangelica Methodista, as casas bancarias dos Srs. Sebastião Pinho e Raul de Carvalho & Comp., os palacetes dos viscondes de Urugnay e de Guahy, do Dr. Arthur Murinelli, o do barão do Rio Negro, em Petropolis etc. Noventa por cento das edificações modernas do Rio de Janeiro são obra de Antonio Jannuzzi, ou antes dos irmãos Jannuzzi, porque o nosso biographado (injustiça fôra esquecel-o nesta occasião) é auxiliado em todos os trabalhos de sua profissão por seu irmão e socio José Jannuzzi.

*

No facto de ser presidente da Sociedade de Beneficencia Italiana e de o ter sido do Circulo Victorio Emmanuel, tem Antonio Jannuzzi a prova real da influencia, da sympathia e da popularidade de que goza entre os seus compatriotas residentes no Rio de Janeiro. Escusado é dizer que é tambem muito estimado pelos fluminenses, que o consideram um bemfeitor artistico da Capital Federal.

Antonio Jannuzzi é cavalheiro da Corôa de Italia, socio do Club de Engenharia, negociante matriculado, membro da Associação Commercial, influencia maçonica, etc.

O *Album* honra-se publicando o seu retrato.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

Deixemo-nos de historias: jogar por jogar, tanto faz jogar no Cerele Federal como no Frontão Fluminense, tanto faz perder dinheiro em casa do Juca Rocha como no Derby-Club, tanto faz ganhar-o em casa do Maxixe como no Bellodromo. Dous deputados pediram a palavra no Congresso, para dizer ao paiz que o jogo da péla não é um jogo de azar... Pelo amor de Deus! todos os jogos são jogos de azar! Ha dias, divertindo-me em casa de um amigo, perdi perto de vinte mil réis á manilha, e as fichas eram de tostão. Imaginem se fossem caras! — Perdi porque jogava mal? Não, senhores: perdi porque a manilha, a manilha innocentinha e burgueza, é, como todos os jogos, um jogo de azar.

Que jogo ha mais incerto do que as corridas de cavallo, tão apreciadas pelo nosso publico? Que maior azar que o do cavallo Bee-Keeber dando uma pule de setecentos e tantos mil réis nas ultimas corridas do Derby?

Tudo é jogo. Não distingo entre o voltarete e a roleta, nem entre o solo e o vira-vira, nem entre o bilhar e o vispora. Tolerar o Turf-Club e perseguir o Frontão é uma anomalia; e, apesar do que se acha longamente estabelecido, é outra anomalia prohibir o baccará e permittir a bisca. Tanto se perde e se ganha aqui como alli.

O jogo não se suprime; reprime-se, quando muito. O jogar viciado é capaz de subir todos os dias ao Pão de Assucar, se lá no Pão de Assucar houver jogo e não o houver noutra parte.

*

O que os poderes publicos devem fazer é promulgar a liberdade do jogo, e taxal-o com um grande imposto. Todo o cidadão tenha o direito de abrir e manter um estabelecimento qualquer onde se jogue, e de tirar o barato; mas pague cincoenta ou cem contos de réis annualmente aos cofres publicos, e escreva na porta de sua casa este letreiro: «Aqui joga-se», mais terrivel que a taboleta pregada por Dante á porta do Inferno.

E quando algum cidadão tiver casa de jogo ou jogo em casa sem pagar o imposto, persigam-no, multem-no, mettam-no na cadeia.

Ora não querem ver a innocencia dos clubs dos *sport*! Se eu fosse jogador, não arriscava um vin-tem nas patas de um cavallo, nem nas rodas de um bicyclette, nem na raqueta de um pelotaris; atirava-me á bella da roleta!

*

Não é muito que os jornaes francezes digam que em Santos morrem diariamente duzentas pessoas de febre amarella, e centenas de corpos em decompo-

sição, levados pela correnteza do rio (que rio?), infestam a cidade e os seus arredores; não é muito que Sarah Bernhardt seja obrigada a defender-se de lhe attribuirem palavras calumniosas a respeito da nossa terra; no porto do Rio de Janeiro está uma corveta portugueza, a corveta *Mindello*, que o Sr. visconde de Paço d'Arcos, ministro de Portugal, mandou buscar para proteger os seus compatriotas aqui residentes!

Toda a gente tomou por uma *blague* de máo gosto a noticia de que esse enviado extraordinario, ou antes, extraordinario enviado, mandára dizer ao seu governo que no Brasil estava tudo perdido, e era aqui necessaria a presença de um *Pimpão*. E não havia *blague*: a *Mindello* ahi está, e o governo brasileiro já fez despeza de polvora para comprimental-a!

*

Hontem percorreu esta cidade, com a rapidez telegraphica das más noticias, a infausta nova do fallecimento do illustre marechal visconde de Pelotas, um benemerito da Patria, um dos bravos que mais concorreram para a victoria das armas brasileiras nos campos do Paraguay.

Curvo-me respeitoso diante d'esse cadaver, que pertence á Historia.

*

Registre-se tambem nestas columnas o fallecimento do ex-deputado do Imperio e senador da Republica, Dr. Theodoreto Scuto, o libertador do Amazonas, se bem que abolicionista *sur le tard*, pois votára contra o famoso projecto de Joaquim Nabuco.

Foi um habil jornalista politico e um advogado de talento. Metteu-se tambem nas finanças, e, como banqueiro, dizem todos que o conheciam, tinha muito geito para arranjar a vida. Morreu subitamente, viajando em caminho de ferro, como Odo-rico Mendes. Boa morte!

*

Para não fchar a chronica de hoje com essa palavra —morte—, procuro uma chave alegre, recommendando aos leitores macambuzios a nova revista *Abacaxi*, que se representa no Apollo, original do meu velho camarada Moreira Sampaio e de Vicente Reis. Verão que aquillo é realmente um abacaxi e não um simples ananaz.

A.

Entre muitos jornaes e periodicos, recebemos os ns. 22, 23 e 24, formando o 4.º tomo da *Revista pedagogica*, importante publicação dirigida pelo Dr. Menezes Vieira, o n. 8 (anno 3º) da *Gazeta Musical*, interessante periodico de que é director e proprietario o Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos.

POEMA DA CARNE

A ARTHUR AZEVEDO

VII

Treguas! Porque não jaz estrangulada a insana
Ideia! Douda, a carne esbrazê-me os sentidos!
Doudo, o sangue estremeça em tetricos rugidos,
Sendo inutil a voz da consciencia humana!

E no suave prazer que os sentidos engana,
Entre os suspiros, entre os beijos, mal contidos,
Quero a febre, o delirio, a abjecção revolvidos
Em minh'alma infeliz que á tua alma se irmana.

E por sobre o rugir das fortes sensações,
Sim, que tombe o silencio! assim como nossa alma
Não expande convulsa as febris tentações...

Que em teu *boudoir* azul, ó cofre do meu mal,
Exista o crime, exista o inferno... exista a calma
Que ha na muda bainha inerme de um punhal!

VIII

O teu corpo lyrial já não move e deslumbra
O sordido chacal vencido no meu peito.
Só a dor que me traz o labio contrafeito,
A grande dor sem termo é que me espanta e obumbra!

Muito brando, de leve, a saudade resumbra
Um pezar que me lembra o valle do teu leito;
Mas eu vejo-te assim como em rara penumbra,
No livido expirar de um sonho azul desfeito...

A loucura fatal que lançou-me a teus braços,
Um cadaver tornou-me e transformou-te em lagem,
Para matar a fome aos animaes devassos.

E é por isto que sinto horriavelmente calma,
Forte, de seiva nova, invencivel, selvagem,
A dor, num cruel festim, sobre o cadaver d'alma!

CUNHA MENDES.

ALMA VELHA

Assim que deram quatro horas no relógio da
sala, Paulo Garcia não pode mais esperar: fechou a
escrevaninha, pegou no chapéo e sahio. Desceu a
rua, a pé; iria a pé, até a casa, vagaroso e som-
brio... Precisava andar, precisava reflectir, ver o
que devia fazer, o que havia de fazer. Desde pela
manhan que elle ahí tinha no bolso essa carta
indiscreta, intrusa, que ninguem pedira; mas
nenhuma resolução tomára ainda, indeciso, tímido
ante um escandalo, egoista da relativa paz em que
vivia, — muito sem sangue e energia tambem, a
tudo indifferente, a alma cançada e gasta.

Entrava em casa mais cedo, esta vez, no emtanto.
— Sim, não mais pudéra, mesmo, deixar-se calmo,

de penna entre os dedos, até finda a tarefa que a si
marcava, todas as manhans. Sim, toda a honra da
familia, dos accendentes, como que lhe acordava
as poucas gottas de sangue nas veias; os velhos
habitos, os velhos preconceitos, guardados longos
tempos, como que lhe aqueciam as faces, á me-
moria d'aquella noticia torpe, que lhe cahíra,
subito, em cima. Dizia-lhe uma voz, que dir-se-ia a
da sua consciencia, — uma herança apenas, que lhe
chegára, a elle, ainda, e que elle não desperdi-
çára, ainda, no depauperamento lento e constante
do seu organismo, — dizia-lhe uma voz, sim,
que elle devia fazer alguma coisa, que elle ia,
mesmo, fazer alguma coisa... Que, porém? que é
que elle faria? — elle não sabia, elle queria saber-o;
que lh'o dissessem!...

Sua mulher tinha um amante, contava-lhe essa
carta!... Outr'ora, lendo uma noticia de além-mar,
em que se fallava de amores culpados, de tragicos
dramas intimos de amor, achava graça naquillo,
como uma particularidade singular de povo, de
raça... No seu lar, parecia-lhe isto impossivel, e,
olhando em roda, vendo os alheios atravez do seu,
afigurava-se-lhe que, ahí, na sua terra, essas coisas
não se davam, esses proprios amores adulteros não
tinham logar, do lado das mulheres ao menos...

Fôra este sempre um dos defeitos do seu caracter:
a boa fé, a illusão, a ingenuidade. Como, tambem,
suppor em outrem paixões, febres de sangue e de
imaginação, anarchia de sentidos, que lhe eram
desconhecidos, á sua natureza; que elle não tinha,
e não podia, pois, comprehender? Aquella vida de
casados, por exemplo, calma, sempre igual, uma
ligação de tres annos, que dir-se-ia de trinta, elle
não suspeitára nunca pudesse, no fundo, aborrecer
muito a mulher, de outro temperamento, tal-
vez...

E, vae, essa carta anonyma diz-lhe o contrario:
Rosa tinha um amante...

Não era a primeira carta d'esse genero que lhe
chegava ás mãos: outras muitas já havia recebido,
mais encobertas, porém, dando só a entender o que
se lhe declarava cruamente agora, ferindo-lhe a
curiosidade somente, com essas meias palavras que
são toda uma confidencia, ás vezes aconselhando-
do-lhe que a observasse; assignadas todas por um
amigo sincero e verdadeiro.

Sincero e verdadeiro! todos os homens se dizem
taes! Mas porque esse amigo leal não se declarava,
para que elle soubesse com quem podia contar?...
Receiava que elle o odiasse por isso? Tinha
razão, elle queria-lhe mal, com effeito, a esse
desconhecido... Não podiam deixal-o em paz?!
que mal fazia aos outros a sua tranquillidade de
espírito?! Acaso elle não seria capaz de descobrir
o que houvesse, se, de facto, houvesse qualquer
coisa?!...

Essas revoltas vinham-lhe, por vezes. O seu or-
ganismo era fraco, era doente; porque o apoquen-
tavam assim? deixassem-n'o com a sua illusão,

deixassem-n'o viver escarnecido : elle não comprehendia esses sorrisos de escarnecido!... Para que cançal-o com uma pesquisa? e se fosse falso tudo quanto diziam essas cartas? e não eram ellas uma abjecção? porque o seu autor, ou os seus autores, não se apresentavam então de rosto descoberto?...

Paulo observou, porém; como o enfiava, como o enojava aquillo! Dir-se-ia que era apenas por consideração para com os outros, receioso dos outros, da sociedade, que elle tomava isso ao serio; não era elle quem agia, dir-se-ia, era toda a sua classe... toda a sua familia, revoltada, nas suas pobres gottas de sangue, pela sua fraqueza e pela sua miseria!

Elles recebiam pouco... Procurou entre os homens que lhe frequentavam a casa. Havia entre estes, Francisco Soares, um amigo de antes do casamento; era o que mais apparecia. Relação velha, quasi um parente, pela intimidade que os ligava, lembrou-se d'elle, comtudo. Quem sabe? não é tudo traição, a cada passo? quem sabe se aquelle proprio que era considerado o mais leal, o mais digno da sua estima, não era o primeiro a rir-se d'elle, a trahil-o, a cuspir-lhe na honra?...

Observou, mas observou debalde. Nada!... Talvez elle não tivesse sido bem atilado; talvez elle não tivesse investigado com bastante interesse... Não, nada havia... nada!... Oh! elle julgou-se feliz... Podia viver, continuar a viver tranquillo; nada existia, deivavam-n'o em paz... Mas logo na manhã seguinte chegou a outra carta, a clara, a sem evasivas, a rude...

Com o passo calmo de sempre, elle entrou em casa. Perguntou á criada pela mulher.

— A senhora estava no quarto... Passára todo o dia em casa...

Viera alguém, ao menos? esteve para perguntar; conteve-se a tempo. Para que? poderia dar a perceber que desconfiava de alguma coisa; para que provocar as mesmas suspeitas em outrem, em um criado então?... Não, não era verdade ainda! Elle não precisava investigar, não carecia espiar... — uma calunnia aquella noticia! Podia seguir a sua vida em paz, tranquillo, mornamente, o almoço, oito horas de penna entre os dedos, o jantar, dous cigarros fumados á varanda, o chá e o leite! Na necessidade de illudir-se, de phantasiar tudo bom, o melhor possível, de esquecer o que o pungia, para poder viver soegado, procurou convencer-se de que mesmo essa carta não existia. Fôra uma allucinação, ninguém jamais lhe escrevêra coisa alguma a respeito da mulher. Para que mesmo saber se, com effeito, a carta existia, se alli estava no bolso de dentro do *frack*? para que? elle não precisava certificar-se, ella não existia, era outra a que alli estava, sobre assumpto muito differente; elle não queria certificar-se! ..

Mas... se fosse verdade?... Que tinha o facto de ella haver passado aquelle dia em casa? que teria mesmo que não houvesse recebido homem algum,

esse dia?... Um frio correu-lhe pelo corpo, a ideia da obrigação de fazer alguma coisa, a ideia de dever zangar-se, offender-se, castigar, talvez!...

Oh! elle perdoaria! oh! elle, por si, não sentia grande dor, á lembrança de que outro possuira a mulher! essa affronta encontrava-o impassivel, o rubor não lhe coloria as faces! e appellava para todas as velhas tiradas sobre a honra dos maridos illudidos... Mas o preconceito alli estava, a procurar insuflar-lhe o animo, a soprar-lhe no coração, tentando aquecel-o, o respeito, o medo quasi inconsciente, um instincto quasi, o terror de um escandalo, o temor da opinião, da vozeria levantada sobre o seu nome, o terror da publicidade!... Que importava? seria sempre tempo: elle veria; para que assim alarmar-se antecipadamente?...

— Podiam trazer o jantar.

Foi ao gabinete de trabalho mudar de roupa. Era onde se despia, á tarde; na frieza de sua vida, só á noite penetrava, de ha muito, nos aposentos communs.

Voltou á sala, parou em frente ao viveiro dos canarios.

Simulava interessar-se pelo vôo dos passaros, de poleiro em poleiro; um d'elles approximara-se da vasilha de agua e banhava-se; outro bicava uma folha murcha de alface, que lhe restava da ração do dia... Entretanto, a sua attenção estava toda na porta dos fundos da sala, a que dava para os seus aposentos e que elle via por um espelho fronteiro... Rosa ouvira-o entrar; d'alli a pouco appareceria.

Aborreceu-se logo, porém. Foi então á escada mandar a criada ao quarto chamar a ama. E como o copeiro entrou com o ultimo prato, chegou elle proprio as cadeiras á mesa.

Rosa appareceu nesse instante: calma se nada houvera de mais em sua vida!... Nada havia, pois?!...

— Vieste hoje mais cedo, disse-lhe apenas, estendendo-lhe a fronte para o beijo.

— Não andava bom... do estomago, foi a explicação d'elle.

E, para comproval-o, tocou apenas num ou dous pratos.

A conversação era banal, intercalada de largos silencias, cheios de bocejos contidos... As noticias de sensação do dia, uma peça nova, uma critica ligeira a qualquer pessoa de suas relações...

— Quem virá, hoje?

— Hoje não sei... E ella sorriu se, um sorriso de etiqueta, de pezar talvez, talvez de misericordia: pobre! diria comsigo.

Eram os acontecimentos do dia: visitas, mais para Rosa, porém, que para elle. Amigas da mulher que lhe alegravam um pouco os dias, que sabiam com ella, o marido sempre alli, sem animo para nada; dous ou tres companheiros de Paulo, mais habitos do que amigos... Entre estes, Francisco Soares.

Ainda naquelle dia lá estivera.



ANTONIO JANNUZZI

— Logo que sahiste... vinha procurar-te... Foi ao escriptorio?...

Respondeu-lhe negativamente.

Ainda aquelle dia, na sua ausencia! pensou. Que se daria nessas visitas, santo Deus? Não receiavam que os criados pudessem notar; que elle viesse a desconfiar, por fim?!... Não, nada; se, effectivamente, Rosa tinha um amante, fosse Soares ou outro, ella devia achal-o, a elle, seu marido, bem parvo, bem fraco, bem incapaz de um acto de energia, bastante amigo do seu bem estar material para que fosse o primeiro a perturbal-o, houvesse ou não causa, desde que podia fingir ignoral-a, desde que essa causa podia viver occulta!...

Olhou-a. Abaixando a cabeça para o prato, Rosa pareceu-lhe sorrir ligeiramente; levantando logo a cabeça, pareceu-lhe ler no seu olhar como uma interrogação... Não, elle enganára-se. Como ella estava serena! Quem a visse, como a diria resignada a essa vida tão pouco festiva?... Elle proprio chegára a admiral-a já, em certos dias, por essa resignação; chegára a querer-se mal por esse viver a que a sujeitava e que ella soffria,—a santa! dizia então, — com tamanha doçura!... Como poderia ella suspeitar do seu silencio, da sua tristeza, se já se acostumára a vel-o sempre assim?!... Ai! qual seria a conclusão de tudo isso? que seria obrigado a fazer?...

O café tirou-o d'essas cogitações. Bebeu um calice de *chartreuse*, estirou-se na cadeira de balanço. Podia descançar agora um pouco o espirito; elle concedia-se um momento de repouso. Depois, veria.

As horas assim escoaram-se. Ninguem appareceu. Por entre as fumaças do cigarro e o vago de suas scismas, Paulo ouviu a mulher andar pela casa, dar as ultimas ordens, o almoço do dia seguinte, as compras a fazerem-se; sentar-se á mesa, virar as folhas de um livro. As horas assim escoaram-se... Tão breve esse tempo! Dez e meia! Deitar-se! a tortura d'aquella mulher que já o enervava, que elle cançava talvez (só então o pensava)!...

No quarto nada havia de novo. As mesmas bugangas pelas paredes, os tapetes felpudos abafando-lhes os passos, alguns quadros, photographias esparsas, em leque... Qual d'aquelles homens seria? alli devia haver, por força, a prova de tudo; procurando-se bem, em alguma coisa devia-se encontrar-a... Uma pergunta saltou-lhe no espirito, a essa ideia: teria elle a coragem de vingar-se? que faria, se alguma prova lhe cahisse sob os olhos?

Rosa passára á alcova; nada suspeitava, estava tranquilla! Paulo começou a despir-se... Casualmente, os seus olhos cahiram para um canto da esteira: alguma coisa havia ahi; uma curiosidade, quasi instinctiva, fel-o abaixar-se... Era uma ponta de charuto! Elle não fumava charuto (nem ella!); o charuto era muito forte para elle!... Cheirou-a! era um *havana* dos que... Soares fumava!...

Pareceu-lhe que o tomava uma vertigem; apoiou-se a um movel... Serenou-se logo, porém...

Que valia isso? Soares não devia entrar alli, era exacto; mas que importava? podia ser que assim mesmo, nada tivesse havido... Os criados não mostram desconfiar de nada, ninguem de nada sabia... Aquella carta?... Mas como o seu autor teria a certeza?! Oh! elle queria viver em paz! deixassem-n'o em paz, não o obrigassem ao que lhe repugnava!... Rosa seria discreta, Soares tambem, — tinham interesse nisso; perceberiam, mesmo, que elle soubera de tudo e não continuariam... Que os mãos fallassem! que dissessem o que lhes appovesse dizer! não ha tanta calumnia no mundo?! como poderiam provar que sua mulher tinha um amante?!... como?!...

Matar?!... Não, elle não mataria; e o que se diria? e o escandalo, o seu nome arrastado pelos jornaes, os inqueritos de policia, toda a sua vida... todo o seu socego perdido!... Nada diria, mesmo: não saberiam? não haveria escandalo, da mesma fórma?!... Que fazer?... O seu coração recusava-se a ter odio, o seu braço não tinha forças, não tinha energia para se erguer! Que culpa tinha elle d'isto?!... Deixassem-n'o em paz! nada mais desejava dos outros...

Quanto ao charuto, — elle o faria desaparecer: tudo continuaria como antes... Uma ponta de charuto! pol-a-ia fóra, na rua... E foi ao paletó, em uma cadeira, escondel-a num bolço. Sua mulher, mesmo, de nada saberia: ella já se deitára de certo.

Na alcova, com effeito, já se não ouvia rumor algum. Adiantou-se para ella, Sereno, como se nada houvera, afastou o reposteiro e entrou. Rosa deitada, de olhos cerrados, parecia dormir, tranquilla e branca, sem um cuidado...

RAUL BRAGA.

O AFRICANO

Costuma estar de pé, ao sol, junto á porteira.
E' negro e velho: tem um seculo de vida;
Em seu corpo alquebrado a pelle ressequida,
Em rugas, deixa ver a sua ossada inteira.

Está cego de um olho, e do outro a atroz cegueira
Vae-lhe grudando á face a palpebra cahida:
E elle é tão feio assim, que a qualquer intemida,
Como se fosse errante e esqualida caveira...

Vendo-o ás vezes mover a figura medonha
E soltar um grunhido, eu penso que elle sonha,
E sua patria, seu lar, seu passado revê;

Porque elle então a rir, canta uma geringonça,
E a cabeça, os quadris, as pernas desengonça,
E entra a bater os pés como em catereté.

MARIO ALENCAR.

Tijuca, 1891.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TYPOS DE MULHERES)

XII

(Continuação)

Nessa noite, o aspecto da sala era verdadeiramente festivo.

A temperatura convidava ao conchego, como as grandes pelles traçadas a tiracollo em horas de grande frio. Os trajos e joias das mulheres luziam como pyrilampos romeiros em amplidões nocturnas.

Crepitava á meia voz a risada das mulheres da *cazuela*, como vozear eternamente insistente de abelhas mestras. Viam-se as cabeças louras das crianças accomodadas entre duas amigas e batendo sobre a madeira da balaustrada o compasso, ao som do estrepito orchestral, e as cabeças approximadas de *señoritas* que segredavam confidencias e apontavam para tal ou tal individuo da plateia, estendendo oleque e sorrindo gostosamente do gracejo lisongeiro que dirigiam, umas ás outras, as amigas, as conhecidas ou mesmo as desconhecidas.

Todas as vezes que um theatro palpita assim, é bom significado para os autores que fazem a sua estreia. A animação, a vida, a desordem, a intervenção da policia são elementos todos favoraveis ao exito de uma peça.

Desconfie-se, porém, de um publico moralmente abatido, apathico, e ignorante, cynico, sceptico e indifferente. Se o espectáculo é irreprehensivel, tanto pela classe dos artistas como pela excellencia da peça representada, o espectador não applaude, adormece, enfada-se; e a consideração, que ajunta ao indifferntismo que o domina, é para affirmar que o drama ou a comedia é boa... mas não enthusiasma. Envelheceu.

Um publico d'estes patearia Victor Hugo, se os cartazes não tivessem a previdencia de escudar a peça com o proprio nome do autor.

Ao ultimo compasso da orchestra, subia, ao contrario do usado em quasi todas as comedias e dramas hespanhóes, o panno rapidamente, devassando aos olhos dos espectadores um salão de visitas esplendidamente acondicionado e artisticamente disposto.

A impressão do scenario predispoz o publico á sympathia; dous actores apresentavam-se em scena: o senador e a esposa. A plateia engolfou-se num silencio de reserva, como se por ventura tivesse de representar o papel de jurado severo.

Estava na consciencia de todos que a comedia era obra de um compatriota, e por apparencia adivinhou-se que o julgamento seria terrivel. Os proprios artistas pareciam desanimados. Nem sequer haviam sido recebidos com os applausos que o publico de Montevideo dispensa a todos os actores conhecidos que apparecem no palco, antes mesmo que pronunciem a primeira syllaba.

A pouco e pouco, porém, principiou a operar-se um movimento estranho na plateia.

Aos poucos momentos que se succederam as primeiras palavras do dialago, borbulharam os ditos, scintillantes de espirito e de *verve*.

Como succede sempre, o applauso rompeu, no *paraizo*, da larynge de um gordo burguez, que deu a primeira nota da gargalhada expansiva e franca. A plateia correspondeu e vibrou a risada entusiastica.

E logo, como um mar que se levanta, oscillando ao sopra dos primeiros ventos, o publico convulsionava-se e batia palmas, todas as vezes que o actor que representava o papel de senador se expandia, elogiando os seus primeiros discursos e se inebriava com os apartes da esposa, que nada tinham que ver com o pensamento do estadista, mas que elle—surdo—tomava como apoiados.

—E' de espirito! diziam uns para os outros, a meia voz.

—Chistosa!

—Scintillante!

—Estou-me entretendo! arriscou um incredulo.

—Queres saber? atalhou um novo espectador, voltando-se para o amigo da esquerda—na minha opinião tudo isto que estamos ouvindo é um plagio!...

—De alguma comedia franceza?

—Ou de muitas... para disfarçar o estellionato.

Estas confidencias, ao principio feitas numa ala da plateia, foram devéras communicativas, e um borburinho de vozes ergueu-se por toda a sala, como um echo abafado das palavras dos actores, que tambem trocavam elogios sobre o merito dos discursos do senador.

A legião do *paraizo* vibrou um *scio*, imponente de sonoridade. Mas era baldado. A emoção havia se apoderado do systema nervoso de todos os espectadores: ao *scio* respondeu ainda mais forte uma salva de palmas que mais assemelhava um tiroteio prolongado e resistente.

E logo, como appendice a esta manifestação, juntou-se a gargalhada que é a scintella do espirito burlesco ou do humorismo de fina tempera. Era o final do primeiro acto. Muitos dos assistentes ergueram-se das cadeiras, outros continuaram a marcar a insistencia do applauso, descancando as palmas das luvas e batendo fortemente com as bengalas sobre o soalho.

O panno subia de novo para que os artistas fossem victoriados.

E a *cazuela* foi então o alvo de todos os olhares. E' a distracção nos intervallos.

ALFREDO BASTOS.

(Continúa.)

A' NOITE...

A OLAVO BILAC

Elle partio ! Era esse o meu maior desejo !
 Vou vel a, essa mulher, embora. á noite chova.
 Mulher, nome subtil que sôa como um beijo
 Longo, que amorna e alegre o ambiente de uma alcova...

Fôra, que importa a chuva, o rechino do raio
 E o vento, em dobre assanho, uivando pelas franças,
 Se, tomado de um longo e amoroso desmaio,
 Vou dormir sob o céu das suas negras tranças ?

A estas horas, talvez, sob esta paz enorme,
 Seu esposo, chorando a breve ausencia, vela,
 Ou, talvez, esquecendo a amada esposa, dorme,
 Sem ao menos pensar que eu vou dormir com ella !

*

Boa noite ! Eis-me aqui. Um momento opportuno
 Este é para vir ver uma mulher bonita.
 E' tarde, bem o sei; mais julgo, por meu turno,
 Sempre azada a occasião de se fazer visita...

Mormente agora em que, nas humidas alfombras
 Do parque, o vento, arfando em queixas e reçoelhos,
 Faz bailar a legião dos luares e das sombras,
 E o céu é todo claro e azul como os teus olhos.

Hoje dous annos faz que, o olhar banhado em pranto,
 Num brando tom de voz que inda me encanta e ensalma,
 Tu me disseste : « Vou casar-me; mas, enquanto
 Tiver vida, hei de ser a esposa de tu'alma... »

Ah ! nem pôdes saber o bem que me fizeste !
 Quando pensava em ti, num melodico accento,
 Vibravam na minh'alma as phrases que disseste,
 Como arpejos subtis de um magico instrumento.

E casaste com outro.. E eu, ao pensar no instante
 Em que ias ser entregue á lascivia de um macho,
 Quiz desprender-me então das grades do mirante
 Em que estava, e morrer despedaçado em baixo !

Quiz matar vos depois, quando estivesseis juntos,
 Tu e elle !.. Mas, perdão... A ventura acabou-se...
 Não vim para tratar de tetricos assumptos...
 Sabes que é bem diverso o fim que aqui me trouxe...

Emfim, amo-te ainda ! E tu propria me fazes
 Crer que em tua paixão a mesma te revelas ;
 Mas, se queres que eu creia em tuas doces phrases,
 Dá-me aqui mesmo a prova incontestavel dellas...

JULIO CESAR DA SILVA.

S Paulo.

MOONLIGHT, IN THE CHANNEL

Á MISS LILLIAS CALLANDER

Noite alta. Um silencio profundo, sob o céu en-
 nevoado e eheio de eumulus, um céu saxão, no
 Norte.

Por uma aberta, em fundo azul-ferrete, a lua
 cheia estende, ao longo do canal, no fim da cor-
 rente, uma larga faixa de leite. Em redor, no alto,
 veios eseuos, manchas, listrões brancos desdobram-
 se, semelhantes a crateras de astros, em gravuras,
 nos livros de Flammarion. Em baixo, na linha do
 horizonte, eereando tudo, uma vasta muralha a
 crayon: vapores espessos, retintos, eom eristas al-
 tas de marmore, rendadas, muito vivas, na eaiiação
 do luar.

Ao longe, á direita e á esquerda, bolinam, eom
 o panno todo fôra, diminuidas na distancia e
 na noite, embareações que retêm e levam saudo-
 samente o luar, na ponta dos mastaréos, nas ver-
 gas, nas amuras das velas e no friso das amuradas.

E, cobrindo o primeiro plano, o grande quadrado
 negro de uma vela, deitado a um bordo, desta-
 cando no eó, eomo um guião phantastico, entre os
 cabos e os moitões niekelados pela lua.

Um enorme lanehão desce, á popa, o canal, na
 aragem fresea, abrindo os *plissés* prateados das
 aguas.

VIRGILIO VARZEA.

THEATROS

LYRICO. — Sabbado passado assistimos neste thea-
 tro a um bello espeetaeulo, um dos melhores da
 actual temporada lyrica. O *Mephistofeles*, de Boito,
 nunca foi tão bem exeeutado no Rio de Janeiro. O
 tenor De Marchi, estreiante, é um tenor, e está dito
 tudo. A Gabbi, no duplo papel de Margarida e He-
 lena, esteve aeima de todo o elogio; poz em con-
 tribuição todos os seus grandes reeursos de cantora
 dramatica.

Repetio-se segunda-feira o *Rigoletto*, de Verdi ;
 o tenor Colli foi victima de uma grosseira e injusta
 manifestação das torrinhãs; e quarta-feira tivemos
 a *Cavalleria rusticana*, de Mascagni. A Gabbi
 estava num dos seus momentos felizes: cantou, re-
 presentou e *chorou* divinamente o difficil papel de
 Santuzza. De Marchi foi um magnifico Turiddu e
 Zawner uma formosa Lola.

*

S. PEDRO. — Voltou de S. Paulo a excellente
 companhia portugueza do theatro D. Maria II, de
 Lisboa; reappareceu hontem, representando o
Amigo Fritz, de Erckmann e Chatrian. Hoje, o
Hamleto.

*

APOLLO. — A grande novidade do dia é *Abacaxi!* revista em 3 actos e 12 quadros, original de Moreira Sampaio, comediographo experimentado no genero, e Vicente Reis, autor de outra revista, representada ha annos na Phenix Dramatica, e intitulada *Cresça e appareça*.

Parece que a empreza do Apollo não terá que se arrepende de ter apresentado ao publico o *Abacaxi!* com tanto cuidado do *mise-en-scène*. A peça está escripta ao paladar do nosso publico; é um *Bendegó* mais engraçado e mais litterario. A musica é bem escolhida: toda composta de trechos populares ou popularisaveis. O scenario é magnifico, sobresahindo a apothose, de uma phantasia sorprendente, pintada pelo Coliva, e a vista do incendio na ilha dos Melões, por Eduardo Reis.

Os acontecimentos, velhos e novos, desfilam diante da plateia numa profusão de scenas comicas e burlescas. Os compadres da revista são Rosa Villiot e Brandão, o originalissimo Brandão. Os demais papeis estão bem confiados, sobresahindo no desempenho Bahia, Colás, Clelia, Lisboa, Zeferino, Araujo, etc.

E' provavel que *Abacaxi!* faça uma grande e victoriosa carreira.

*

VARIÉDADES. — Foi exhibida neste theatro a magica os *Talismans de Perlímpimpim*, arranjada da peça franceza *Les bibelots du diable*, e de outras, por Joaquim de Oliveira, Costa Braga e Guilherme da Silveira. A mesma origem teve a *Conquista dos talismans*, que ultimamente fez as delicias dos frequentadores do Sant'Anna.

A nova magica do Variedades tem todos os condimentos indispensaveis ao genero. Melhor seria que a musica tivesse sido escolhida com mais acerto, mas, á falta de bom tralalá, ha alli muita pilheria, esplendidos scenarios de Carrancini, Coliva e Eduardo dos Reis; machinismos engenhosos, vestuarios deslumbrantes, grande variedade de aspectos, bailados interessantes, etc. O desempenho dos papeis é excellente por parte de todos os artistas, devendo Joaquim Silva ser citado á parte e de cambulhada Lopiccolo, Galvão e os demais.

O Variedades tem outra vez peça para centenario.

*

SANT'ANNA. — Voltou á scena o *Surcouf*, com uma interessante novidade: a actriz-cantora Cifuentes desempenhou muito bem o interessante papel de Arabella, a tal que canta:

Um dia me deu na vineta
Um banho no rio tomar...

*

POLYTHEAMA. — A ultima novidade da companhia Tomba foi o *Chapéu de palha de Italia*, de Labiche, reduzido a tres actos, transformado em opereta por A. Milzi, e posto em musica — musica alegre — pelo maestro Luiz Ricci Filho. *Por causa de um chapéu* (assim se intitula a opereta) agradou muito.

*

RECREIO DRAMATICO. — Mais duas *reprises*: os *Estranguladores de Pariz* e a *Martyr*, cuja primeira representação foi dada hontem em beneficio de Eugenio de Magalhães.

A *Martyr* é um dos dramas mais bem feito de Dennery.

*

LUCINDA. — Annuncia para segunda-feira a primeira representação do *Primeiro marido de França*, comedia em 3 actos, de A. Vallabrègue, traducção de Guilherme da Silveira.

Esta peça agradou muito em Pariz.

Hoje e amanha, as ultimas do *Tio Celestino*.

*

PHENIX DRAMATICA. — A empreza Machado lá vae vivendo com o *Periquito* e o *Capadocio*. Venha o *Lobishomem!*...

*

Antonio Ghislanzoni, fecundo escriptor italiano, autor de muitos romances, poesias e librettos de opera, falleceu no mez passado em Caprino Bergamasso, cidadezinha lombarda aonde ha muitos annos se retirára.

Ghislanzoni nasceu em Lecco, em 1824. Foi barytono e cantou em muitas cidades de Italia e em Pariz até 1851. Tendo perdido a voz em consequencia de uma bronchite, fez-se jornalista republicano, e foi levado pelos seus artigos violentos á prisão de Santa Margarida, em Milão. Depois de obter grandes successos como romancista e poeta, entregou-se de novo ao theatro, d'esta vez como autor, e escreveu uns sessenta librettos de opera. E' d'elle o da *Aida*, no qual teve como collaborador o illustre egyptologo francez Mariette Bey.

Ghislanzoni era um grande amigo do nosso Carlos Gomes; foi elle quem extrahio do bello romance de José de Alencar o libretto do *Guarany*.

X. Y. Z.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda:

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.

LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.

LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.